

Índice

O Polido	11
O Corpo Liso	23
Estética do Polido e do Liso	27
O Belo Digital	35
Estética do Encobrimento	39
Estética da Vulneração	45
Estética do Desastre	53
O Ideal do Belo	59
A Beleza como Verdade	65
Política do Belo	73
O Teatro Pornográfico	79
A Demora no Belo	83
A Beleza como Reminiscência	89
Gerar no Belo	95



Uma vez
ouvi-o
enquanto estava a lavar o mundo:
sem que ninguém o visse, ao longo das noites,
real.

O uno e o infinito,
destruídos,
irradiavam eu.

Houve luz. Salvação.

PAUL CELAN



O Polido

O polido, limpo, liso e impecável é o sinal de identidade da época atual. É aquilo em que coincidem as esculturas de Jeff Koons, os *iPhones* e a depilação brasileira. Porque é que o polido hoje nos atrai? Além do seu efeito estético, reflete um imperativo social geral: incarna a atual *sociedade positiva*. O que é polido e impecável não *dói*. Também não oferece qualquer resistência. Solicita-nos um *Gosto*. O objeto polido anula qualquer coisa que possa confrontá-lo. Toda a negatividade é assim eliminada.

O *smartphone* obedece igualmente à estética do polido. O *smartphone* modelo *G Flex*, da LG, apresenta-se incluindo o revestimento de uma camada que se autorregenera — o que significa que faz desaparecer muito rapidamente qualquer risco, qualquer vestígio de desgaste. O *smartphone* torna-se, por assim dizer, invulnerável. O seu revestimento artificial conserva-o sempre polido. O modelo é, além disso, flexível e dúctil. Tem um contorno ligeiramente côncavo. Portanto, molda-se perfeitamente ao rosto e aos glúteos. Esta capacidade de adaptação e a ausência de resistência são traços essenciais da estética do polido.

O polido não se limita ao aspeto exterior do aparelho digital. A comunicação efetuada por meio do aparelho é igual-

mente polida e amaciada, uma vez que o seu conteúdo são, sobretudo, mostras de deferência e de complacência e, em suma, coisas positivas. O *sharing*, ou partilha, e o assinalar com um *Gosto* são um modo de comunicação polido. Os aspetos negativos são eliminados por representarem obstáculos para a comunicação acelerada.

Jeff Koons, o artista de maior sucesso atual, é um mestre das superfícies polidas. Embora Andy Warhol se afirmasse também partidário da superfície bela e amaciada, na sua arte está, contudo, presente ainda a negatividade da morte e do desastre. No seu caso, a superfície não é totalmente polida. Por exemplo, a série *Morte e Desastre (Death and Disaster)* ainda se alimenta de negatividade. Em Jeff Koons, em contrapartida, não há qualquer desastre, vulneração, quebra ou brecha, do mesmo modo que não há qualquer costura. Tudo flui em transições suaves e polidas. Tudo acaba por ser arredondado, polido, brunido. A arte de Jeff Koons é uma arte das superfícies polidas e impecáveis e de efeito imediato. Nada dá a interpretar, a descodificar ou a pensar. É uma arte do *Gosto*.

Jeff Koons diz que a única coisa que o observador da sua obra tem a fazer é emitir um simples *Uau!* (*Wow!*). Manifestamente, perante a sua arte, não é necessário qualquer juízo, qualquer interpretação, qualquer hermenêutica, qualquer reflexão, qualquer pensamento. A sua arte limita-se deliberadamente ao infantil, ao banal, à relaxação impassível, a uma arte que nos seduz e compensa. O seu lema é: “Abraçar o observador”. Nada deve comovê-lo, feri-lo ou assustá-lo. A arte, diz Jeff Koons, não é senão “beleza”, “alegria” e “comunicação”.

A presença das suas esculturas polidas suscita um “imperativo tátil” de as tocar e até mesmo o prazer de as lambar. Está ausente da sua arte essa negatividade que imporia uma distância. A positividade do liso e polido é tudo o que o im-

perativo tátil ativa. Convida o observador à anulação da distância, ao tátil ou ao *touch*. Mas o juízo estético pressupõe uma *distância contemplativa*. A arte do liso e polido elimina-a.

O imperativo tátil ou o prazer de lambar só é possível numa arte do polido inteiramente esvaziada de sentido. É por isso que Hegel, que reitera insistentemente que a arte tem um sentido, limita o sensível da arte aos “sentidos teóricos, o da vista e o do ouvido”¹. Tais são os únicos sentidos que podem aceder ao sentido. Em contrapartida, o olfato e o gosto encontram-se excluídos da fruição artística, sendo recetivos apenas ao “agradável”, que não é o “belo da arte”: “Com efeito, o olfato, o gosto e o tato relacionam-se com o material enquanto tal e com as qualidades imediatamente sensíveis do mesmo; o olfato, com a volatilização material através do ar, o gosto com a dissolução material dos objetos, e o tato com o calor, o frio, a dureza, etc.”² O polido transmite somente uma sensação agradável à qual não é possível associar sentido ou profundidade alguma: esgota-se no *Uau!*

No seu volume das *Mitologias*, Roland Barthes chama a atenção para o imperativo tátil suscitado pelo modelo *Citroën DS*:

Como é sabido, o liso é um atributo permanente da perfeição, porque o seu contrário trai uma operação técnica e profundamente humana de ajustamento: a túnica de Cristo não tinha costura, do mesmo modo que as aeronaves da ficção científica são de um metal sem juntas. O *DS 19* não pretende ser uma simples cobertura, apesar de a sua forma geral ser muito revestida. No entanto, são os encaixes dos

1 G. W. F. Hegel, *Estética*, Lisboa, Guimarães, 1993.

2 *Ibid.*

seus planos o que mais interessa o público: tateiam-se furiosamente as junções dos vidros, passa-se a mão pelos grandes sulcos de borracha que ajustam o vidro da parte traseira à chapa niquelada. Há no *DS* a anunciação de uma nova fenomenologia do ajustamento, como se passássemos de um mundo de elementos soldados a um mundo de elementos justapostos sustentados graças à sua forma maravilhosa, o que, bem entendido, tem por propósito introduzir a ideia de uma natureza mais fácil. Quanto à matéria propriamente dita, é indubitável que alimenta um gosto da ligeireza num sentido mágico. (...) Os vidros não são janelas, aberturas praticadas na grande casca escura da carroceria; são grandes trechos de ar e de vazio que exibem o arredondado cheio e o brilho das bolas de sabão³.

Do mesmo modo, as esculturas sem juntas de Jeff Koons dão a impressão de ser bolas de sabão brilhantes e sem peso, feitas de ar e de vazio. Tal como o *DS* desprovido de juntas, transmitem uma sensação de perfeição, uma sensação de ligeireza num sentido mágico. Incarnam uma superfície perfeita e otimizada sem profundidade nem planos mais baixos.

Para Roland Barthes, o sentido do tato é o “mais desmistificador dos sentidos, ao contrário da vista, que é o mais mágico”⁴. A vista mantém a distância, enquanto o tato a elimina. Sem distância, não é possível a mística. A desmistificação torna tudo saboreável e consumível. O tato destrói a negatividade do completamente diferente. Seculariza aquilo que toca. Ao contrário do sentido da vista, o tato é incapaz de espanto. Por isso, o ecrã tátil polido, o *touch-screen*, é um lugar de desmistificação e de consumo total. Gera aquilo de que cada um *gosta*.

3 R. Barthes, *Mitologias*, Lisboa, Edições 70, 2012.

4 *Ibid.*